

---

**Jovens, rurais e conectados:  
uma iniciativa no Bico do Papagaio (TO) à luz da Educomunicação<sup>1</sup>**

Bruno Santiago ALFACE<sup>2</sup>

Rose Mara PINHEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS

### **Resumo**

Este artigo traz uma reflexão inicial sobre a iniciativa do projeto social “Jovens em Comunicação”, uma ação que consiste na oferta de um itinerário educativo sobre comunicação e agroecologia para jovens de comunidades camponesas e tradicionais da região do Bico do Papagaio, no Tocantins, com base nos conceitos da Educomunicação (SOARES, 2011). Como fruto de um projeto de dissertação de mestrado em andamento, a proposta busca identificar e discutir os conceitos e práticas da Educomunicação que podem estar presentes nas ações do projeto social. A pesquisa também visa discutir os impactos das ações de comunicação praticadas pelo projeto na vida dos públicos beneficiados direta e indiretamente pela ação.

### **Palavras-chave**

Educomunicação; Juventudes rurais; Comunicação e Educação.

### **Introdução**

Quando pensamos em jovens que vivem nas áreas rurais do Brasil, imaginamos que tipos de ferramentas em suas mãos? Enxadas, rastelos, pás ou *smartphones*? Como a identidade cultural desse público juvenil pode ser compreendida, respeitada e preservada? De que maneira o paradigma educacional pode fundamentar projetos sociais que beneficiem juventudes e comunidades camponesas e tradicionais?

Essas questões podem ser problematizadas e discutidas a partir da experiência do projeto social “Jovens em Comunicação”, inserido geograficamente em uma região popularmente conhecida como “Bico do Papagaio”, no extremo norte do estado do Tocantins, no Brasil. O território reúne cerca de vinte e cinco municípios e lá

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: [alfacebruno@gmail.com](mailto:alfacebruno@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: [rose.pinheiro@ufms.br](mailto:rose.pinheiro@ufms.br)

---

estão situadas uma gama de comunidades camponesas e tradicionais, movimentos sociais e organizações da sociedade civil, das quais fazem parte agricultores familiares, quilombolas, ribeirinhos, quebradeiras de coco-babaçu e assentados da reforma-agrária.

Atualmente gerida pela Organização Não-Governamental APA-TO (Alternativas para a Pequena Agricultura do Tocantins), a ação “Jovens em Comunicação” possui o objetivo de contribuir para a formação integral de seus participantes, tendo em vista a preservação da identidade cultural, a disseminação de práticas agroecológicas e o aprimoramento da comunicação, no âmbito interno e externo, destas juventudes no território do Bico do Papagaio e nas comunidades onde vivem.

O objetivo deste artigo é apresentar a reflexão inicial da dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que pretende analisar e discutir aspectos educacionais do projeto “Jovens em Comunicação”, bem como levantar elementos para compreensão do seu impacto na vida de seus públicos beneficiados direta e indiretamente.

A proposta pedagógica deste itinerário formativo é baseada, predominantemente, nos conceitos, práticas e metodologias que envolvem o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) como método de ensino-aprendizagem, apresentando, aparentemente, uma conexão evidente com aspectos da práxis e da teoria do campo da Educomunicação. A ação oferece aos jovens beneficiados vivências e atividades formativas nas áreas das relações humanas, projeto de vida, comunicação comunitária e popular, agroecologia e agricultura familiar.

## **Democracia e Comunicação**

Os encontros presenciais dos módulos temáticos são realizados em comunidades rurais, escolas agrícolas e/ou espaços de entidades parceiras, a depender da proposta do módulo e da disponibilidade dos locais nos territórios rurais.

Dinâmicas de grupo, jogos educativos, atividades artísticas, rodas de conversa e práticas relacionadas ao uso das TICs fazem parte da programação dos encontros com os jovens, que possuem como característica o uso de métodos mais dinamizados e práticos do que expositivos.

O caráter menos hierárquico também faz parte da proposta dos módulos, que almejam constituir ambientes participativos e horizontais, onde todos os participantes

---

possam se expressar livremente e participar da construção das atividades formativas do projeto.

De acordo com Selma Yuki Ishii (2017)<sup>4</sup>, colaboradora técnica da APA-TO, duas problemáticas eram centrais nas discussões durante a estruturação das ações do “Jovens em Comunicação”: 1) a comunicação interna e externa das comunidades rurais, movimento e entidades do Bico do Papagaio; e 2) o crescimento progressivo da evasão do jovem do meio rural para os polos urbanos.

Por que o jovem rural não se identifica com o projeto de vida camponês ou com as lutas do nosso contexto rural? Por que [o jovem] não considera a possibilidade de trabalhar e permanecer na terra de sua família? (TEIXEIRA, 2017)

Maria do Socorro Teixeira, liderança do movimento sindical do Bico do Papagaio e quebradeira de coco babaçu<sup>5</sup>, apresenta esse questionamento e nos provoca a pensar que a evasão rural é uma realidade não só no Bico do Papagaio, mas no contexto do Campo no Brasil como um todo. Segundo dados do censo demográfico Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, os índices de evasão da população rural para os meios urbanos aumentam a cada ano.

---

<sup>4</sup> Informação oral transcrita da fala de Selma Yuki Ishii durante a sua participação na Reunião dedicada a discutir a comunicação das comunidades rurais, movimentos e entidades do Bico do Papagaio (TO) realizada no dia 11 de agosto de 2017 na sede da ONG APA-TO no município de Augustinópolis (TO).

<sup>5</sup> Informação oral transcrita da fala da liderança comunitária Maria do Socorro Teixeira durante a sua participação na Reunião dedicada a discutir a comunicação das comunidades rurais, movimentos e entidades do Bico do Papagaio (TO) realizada no dia 11 de agosto de 2017 na sede da ONG APA-TO no município de Augustinópolis (TO).

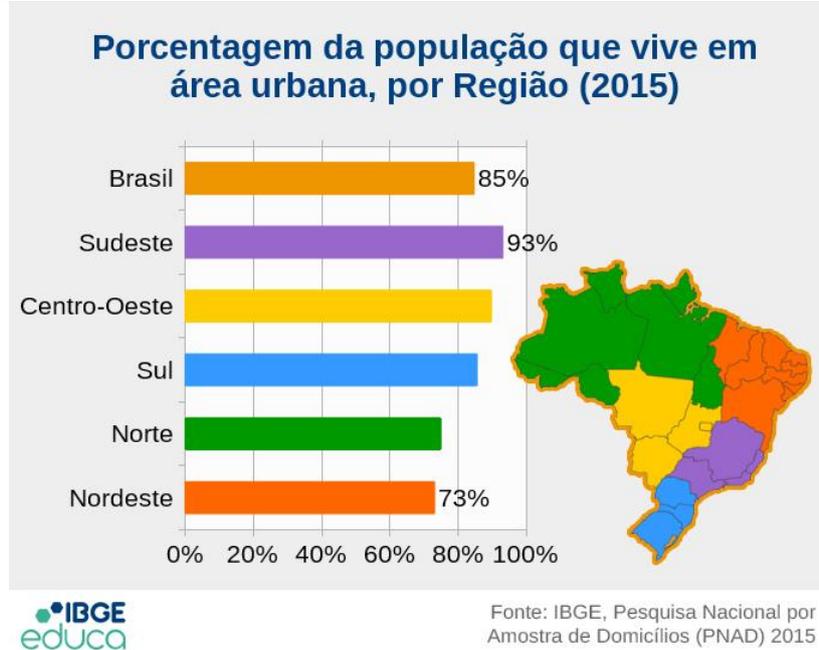


Gráfico 1: Mapa do IBGE/PNAD (2015)

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2015

A partir da provocação de Socorro é possível identificar que a proposta do projeto educativo de tentar incidir sobre a problemática da evasão das juventudes rurais do campo no Bico do Papagaio se relaciona, em certa medida, com a preservação e manutenção das identidades culturais desse público.

Constata-se também que a questão da sucessão rural, ou seja, não só a permanência no campo, mas a continuidade do trabalho rural na terra, com a agricultura familiar, também é ponto central para compreender a gênese do projeto.

Dessa forma, a questão da evasão do jovem no campo e o risco que isso implica para a sucessão rural podem ser aprofundados a partir de uma perspectiva identitária e cultural. Segundo Stuart Hall, podemos definir o conceito de cultura como um conjunto de “significados compartilhados” e a linguagem, peça-chave do processo comunicacional humano, como um “meio privilegiado pelo qual damos sentido as coisas” (HALL, 2016, p. 17). “(...) a palavra ‘cultura’ passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social – o que veio a ser conhecido como a definição ‘antropológica’”. (HALL, 2016. p.19)

Indo além, Hall também destaca uma outra camada de significado para o termo “cultura”, explicando que ela também passou a ser utilizada para “descrever os valores

---

compartilhados de um grupo ou de uma sociedade” (HALL, 2016, p. 19), acrescentando, portanto, um viés de interpretação ligado a uma perspectiva comportamental e sociológica.

Sendo assim, devem ser considerados o comportamento e as ações praticadas por um de nossos públicos de análise - os jovens beneficiados pelo projeto que vivem no campo no Bico do Papagaio - bem como suas relações com o modo de vida e com os valores simbólicos de sua comunidade e/ou movimento, parte de sua identidade cultural, influenciada e atrelada ao contexto rural e juvenil.

Além das questões identitárias e culturais, outro pilar fundante do projeto é a questão da comunicação. Segundo informações da APA-TO e das lideranças comunitárias e sindicais do território<sup>6</sup>, há problemas de comunicação relacionados às ações e à vida das comunidades camponesas do Bico.

De acordo com Ishii (2017), esse problema se verifica em um âmbito interno, ao averiguar os processos comunicacionais de dentro das próprias comunidades, mas também em uma dimensão externa, quando percebe-se a dificuldade existente em comunicar sobre questões relativas às suas vidas, ações e demandas para a sociedade em geral.

No dia 11 de agosto de 2017, no município de Augustinópolis (TO), na sede da APA-TO, foi realizada uma reunião dedicada a discutir a comunicação das comunidades rurais, movimentos e entidades do Bico do Papagaio. Representantes e lideranças destes espaços participaram da discussão.

Com base na relatoria oficial desse evento<sup>7</sup>, foram destacados pontos que elucidam o cenário da comunicação na região do Bico do Papagaio e, também, nas comunidades e entidades a partir de uma visão interna, ou seja, dos próprios atores integrantes destes espaços. Foram destacados pelos participantes:

1. “A dificuldade de acesso e incidência que as pautas das comunidades e movimentos possuem em espaços e veículos de comunicação, com destaque para o problemático diálogo com o poder público e o quase inexistente contato com a grande mídia, que – segundo os participantes da reunião – não demonstram interesse em difundir os conteúdos ou compreender profundamente e apoiar as demandas da agenda política dos trabalhadores e trabalhadoras rurais;

---

<sup>6</sup> Informações extraídas da relatoria da Reunião dedicada a discutir a comunicação das comunidades rurais, movimentos e entidades do Bico do Papagaio (TO) realizada no dia 11 de agosto de 2017 na sede da ONG APA-TO no município de Augustinópolis (TO)

<sup>7</sup> Ibidem.

2. A falta de ações e produtos de comunicação produzidos para e pelas comunidades, entidades e movimentos. Associada a essa ausência de iniciativa, ressaltou-se a necessidade de se criarem e executarem alternativas concretas nessa área;
3. A disputa desigual de narrativas em um comparativo com as pautas e agendas difundidas pelos meios de comunicação de massa. Os participantes, durante a reunião, mencionaram o caso da campanha “O Agro é Pop”<sup>8</sup>, veiculada há anos pelo grupo Globo de Telecomunicações, para exemplificar de maneira concreta como a maioria da sociedade é impactada por um tipo de visão sobre temas das áreas rurais, como o é o caso do modo hegemônico de se fazer agricultura no país: o agronegócio;
4. Apesar do cenário desafiador, destacou-se o fato de existirem poucas, porém significativas experiências de comunicação não hegemônicas que tratam do contexto rural em nosso país e que podem ser consideradas bem sucedidas. Os exemplos citados foram o projeto da Feira da Reforma Agrária, do MST, e a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, que é realizada por mais de cinquenta organizações.”

Verifica-se, portanto, com base em uma visão interna dos atores sociais que atuam na região, que o cenário comunicacional de dentro para a fora das comunidades e entidades é problemático, apresentando uma série de desafios relacionados à disputa de narrativas, ao enfrentamento do monopólio dos meios de comunicação e à efetivação de ações de comunicação comunitária.

Segundo o Relatório da Reunião do Bico do Papagaio (2017), “fazer comunicação” também se concretiza como uma estratégia de preservação e “garantia dos direitos conquistados e de luta por aqueles que ainda necessitam ser alcançados”, ou seja, contribuindo diretamente com os processos de resistência desses atores.

Vale a pena observar que os fatos e percepções apresentadas na reunião com os representantes camponeses do Bico do Papagaio se conectam com a realidade brasileira no que diz respeito ao cenário da comunicação em nível nacional.

O Relatório “Direito à Comunicação 2017”, produzido e publicado pela organização Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, associa a falta de pluralidade de vozes e baixa diversidade de pautas nos grandes veículos de comunicação com a “alta concentração de propriedade no mercado da comunicação” (INTERVOZES, 2018, p. 66).

---

<sup>8</sup> A campanha “Agro é Pop, Agro é Tech, Agro é tudo” foi concebida pela gerência de Marketing e Comunicação da Rede Globo de Televisão e é veiculada desde 2016 pelos canais da emissora.

---

Ainda segundo o Intervezes (2018), a alta concentração da propriedade das concessões públicas das empresas brasileiras de telecomunicações está quase sempre conectada com a prática da “propriedade cruzada”, que se apresenta como uma

(...) dimensão central da concentração na mídia brasileira, sendo naturalizada pelo sistema de comunicação de massa nacional. O caso do grupo Globo, com seu conglomerado de emissoras de rádio e TVs aberta e fechada, jornais, revistas e sites, é o mais conhecido, mas o modelo se reproduz também entre outros grupos. (INTERVOZES, 2018, p. 67).

Sendo assim, aponta-se para um cenário de falta de democracia na comunicação brasileira, uma vez que tais práticas ferem a legislação brasileira, que conta com dispositivos e leis para regulamentação e coibição de práticas que ameaçam o direito à comunicação e à liberdade de expressão da sociedade.

A comunicação social brasileira está amparada numa série de regras legais, uma delas a Constituição federal de 1988, que possui capítulo específico sobre o tema. As principais leis que regulam o setor, no entanto, são o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT) e o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão (Decreto nº 52.795/1963), quando se trata de radiodifusão, e a Lei Geral de Telecomunicações (Lei nº 9.472/1997), que regulamenta os serviços de telefonia e conexão à internet e o Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014), que garante direitos aos usuários digitais (INTERVOZES, 2018, p. 68).

Jesús Martín-Barbero trata sobre esse fenômeno do cenário da mídia hegemônica, concentrada e globalizada não só no Brasil, mas na América Latina, explicando que esses padrões e práticas de monopólio, não só dos meios, mas também das narrativas, têm impacto direto na cultura de uma sociedade.

O que os processos e práticas da comunicação coletiva põem em jogo não são unicamente os deslocamentos do capital e as inovações tecnológicas, mas sim profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de se estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasman tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 63).

Para Martín-Barbero, a comunicação midiática pode aparecer como

(...) parte das (des) territorialidades e (re) localizações provocadas pelas migrações sociais e as fragmentações culturais da vida urbana; do campo de tensões entre tradição e inovação, entre a grande arte e a cultura do povo; do espaço no qual se reinscreve o público e o sentido da democracia. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 64)

---

Prosseguindo com sua reflexão, Martín-Barbero versa justamente sobre “os modos de sobrevivência das culturas tradicionais”, considerando as culturas camponesas, indígenas e negras. Para ele

Estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas e negras -, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também à intensificação de sua comunicação e interação com as outras culturas de cada país do mundo. No interior das comunidades, esses processos de comunicação são percebidos ao mesmo tempo como outra forma de ameaça à sobrevivência de suas culturas e como possibilidade de romper a exclusão, como experiência de interação que, se comporta risco, também abre novas figuras de futuro, pois há nessas comunidades menos complacência nostálgica para com as tradições e maior consciência da indispensável reelaboração simbólica que exige a construção do futuro (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 64-65).

Diante dos fatos e reflexões conjunturais em nível interno, no Bico do Papagaio, e externo, em nível nacional e continental, o caminho experimentado pelas comunidades e juventudes não é o da comunicação hegemônica, mas o da comunicação feita a partir da prática autônoma e emancipadora, impulsionada por iniciativas comunitárias do conjunto de comunidade e atores sociais da região – que é justamente uma das bases de inspiração teórica do projeto “Jovens em Comunicação”.

### **Educomunicação como fundamento**

Mais do que um campo do conhecimento, a Educomunicação pode ser compreendida como um novo paradigma para as relações humanas em projetos ou espaços em que são aplicadas suas diretrizes fundantes, conformando, também, uma interface entre a educação e a comunicação.

Em sua gênese, a Educomunicação pode ser explicada justamente como fruto de um casamento entre as áreas da educação e a comunicação. Todavia, vale destacar que as influências que configuram esse campo do conhecimento e essa prática são majoritariamente provenientes das áreas da educação popular, ou não formal, e da comunicação comunitária, ou alternativa.

Segundo Ismar de Oliveira Soares (2013), a comunicação pode ser vista como um componente do processo educativo e, para que tal contribuição e relação aconteça, é necessário o afastamento de uma ótica que defina a comunicação como um recurso “puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa”.

---

Nessa perspectiva, Soares define que a Educomunicação

(...) busca orientar e dar sustentação ao conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, assim como programas e produtos de comunicação destinados a: i) debater as condições de relacionamento dos sujeitos sociais com o sistema midiático, no contexto da sociedade da informação, promovendo critérios de análise dos sistemas de meios de informação, assim como metodologias de utilização dos recursos tecnológicos em função da prática da educação para a cidadania; ii) promover e fortalecer ecossistemas comunicativos de convivência – abertos e participativos – nos espaços educativos garantidos pela gestão democrática dos processos de comunicação; e iii) ampliar o potencial comunicativo dos indivíduos e grupos humanos (SOARES, 2013, p. 169).

Ainda segundo Soares, na contramão dos processos comunicativos mercadológicos, em sua obra “Extensão ou Comunicação?” o educador Paulo Freire nos apresenta a comunicação como uma ação presente nas relações humanas, sendo esta ação a própria relação ou interação – que se dá de maneira dialógica. “Ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, é não manipular, é não “sloganzar”. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam” (FREIRE, 1976, p. 28).

Dessa forma, percebe-se, portanto, que a educomunicação é “essencialmente uma práxis social” e

Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com a mera aplicação das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) no ensino. Nem mesmo ser identificada com alguma das áreas de atuação do próprio campo, como a “educação para e com a comunicação”. Tem lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social (SOARES, 2011, p. 13 e 14).

Indo mais além, Soares aponta para o fato de que as organizações não governamentais são terreno fértil para as práticas e projetos educacionais. Segundo ele, uma pesquisa da Ação Educativa mostrou que a educomunicação vem sendo “oferecida, subsidiariamente, por numerosas ONGs, em várias cidades do Brasil” realizando “parte do que falta à educação formal” (SOARES, 2011, p. 29).

Tais organizações têm conseguido atrair cada vez mais jovens para suas ações, devido especialmente à atitude reflexiva e crítica que elas demonstram ter diante da sociedade de massa guiada pela ideologia do consumo (SOARES, 2011, p. 29).

O projeto “Jovens em Comunicação” se fundamenta e baliza parte dos seus objetivos no conceito de “ecossistemas comunicativos”. Apesar de termos similares já terem sido utilizados por Pierre Levy, quando trata da “ecologia cognitiva”, ou mesmo por Jesús Martín-Barbero, cunhando o termo homônimo ecossistema comunicativo, a ação faz uso da conceituação do campo da educomunicação, que utiliza o termo

(...) como figura de linguagem para nomear um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias (SOARES, 2011, p. 44).

Assim como o próprio nome sugere, a associação metafórica com a biologia não é mera coincidência. Soares explica que

(...) assim, metaforicamente, que – como no meio geofísico-biológico – também no meio social existem sistemas áridos e fechados de interconexões, tanto quanto sistemas ricos e intensos de expressão vital. No caso, pessoas em relação, na família, numa escola, num centro de cultura, ou mesmo no espaço cibernético, se deparam com modelos de ecossistemas, convivendo a partir de regras que se estabelecem conformando determinada cultura comunicativa (SOARES, 2011, p. 44 e 45).

A partir da terminologia de Soares e do campo da educomunicação e aplicando também ao contexto das comunidades camponesas e tradicionais, é possível concluir que ecossistemas comunicativos saudáveis são aqueles que possuem abertura ao diálogo e à participação, se alicerçando (ou buscando se alicerçar) em relações de igualdade, afetivas e fraternas, respeitando e fortalecendo as culturas do território local e as identidades das pessoas envolvidas.

### **Processo metodológico**

Para analisar e discutir as características educacionais do projeto “Jovens em Comunicação”, bem como reunir elementos para a compreensão dos impactos do projeto na vida dos públicos beneficiados, que são: 1) os jovens participantes da ação social; 2) representantes das comunidades tradicionais e camponesas onde os jovens vivem; 3) os funcionários da ONG APA-TO, será necessário realizar coleta de dados e informações, como base para as discussões na região do Bico do Papagaio, no extremo norte do Tocantins.

---

Metodologicamente, para guiar os trabalhos de coleta de informações, serão utilizadas as técnicas de pesquisa qualitativa “Entrevista em profundidade”, à luz da obra de Jorge Duarte (2005), e de “Grupo focal”, fazendo uso dos contributos de Maria Eugênia Belczak Costa (2005).

Para se realizar uma pesquisa em comunidades tradicionais ou assentamentos rurais será necessário considerar os modos de vida tradicionais das pessoas que lá vivem, suas culturas, sua relação com o tempo e com aqueles territórios tradicionais. Um levantamento bibliográfico prévio sobre a região e as comunidades e povos do Bico do Papagaio, etapa considerada essencial para Isabel Travancas (2005), que explica que

É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto e afins. Isso porque o pesquisador precisa estar minimamente “iniciado” no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de “entrar” nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar (TRAVANCAS, 2005, p.100).

A coleta de informações precisará ser organizada e preparada de forma a contemplar ao máximo os objetivos acima citados, considerando a relação dos públicos com os meios de comunicação de massa tradicionais, com a indústria cultural de nossa sociedade, mas também com as manifestações culturais e comunicacionais que se constituíram a partir da participação dos jovens no projeto “Jovens em Comunicação”.

Que tipo de mudanças os jovens comunicadores beneficiados do projeto “Jovens em Comunicação” identificam em suas vidas após terem participado da ação? Que elementos do campo teórico e prático da educomunicação podem ser identificados no projeto após averiguar detalhadamente o itinerário formativo a partir dos relatos dos públicos impactados direta e indiretamente pela ação? Essas e outras questões deverão nortear a produção do questionário das entrevistas e guiarão os trabalhos com a implementação da pesquisa qualitativa em campo. Sobre essa possibilidade, Duarte explica que

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos (DUARTE, 2005, p.63).

---

A técnica da entrevista em profundidade no formato semiaberto pressupõe, de acordo com Duarte (2005), a formulação e utilização de um “roteiro-base” de perguntas, com questões semiestruturadas “que dão cobertura ao interesse da pesquisa”. Sobre esse formato, Duarte diz que

As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista. Uma entrevista semi-aberta geralmente tem algo entre quatro e sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas (DUARTE, 2005, p.66).

O modelo semiaberto de entrevista em profundidade é oportuno e mais adequado para o trabalho do entrevistador e a participação dos entrevistados permitirá maior flexibilidade e adaptabilidade para a condução da entrevistas de acordo com o entrevistado e o cenário específico que a entrevista for realizada, seja em uma comunidade tradicional, em um assentamento rural ou mesmo na sede da ONG APA-TO, que são as locações possíveis pré-identificadas para a implementação da coleta de informações.

Entretanto, o modelo semiaberto não é somente vantajoso para a etapa da coleta de informações, mas também para a análise e sistematização dos resultados, uma vez que, de acordo com Duarte (2005), será possível

(...) criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação dos resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. O roteiro de questões-chaves serve, então, como base para a descrição e análise em categorias (...) (DUARTE, 2005 p.67).

Como instrumentos para a coleta, a priori, foram pré-selecionadas a gravação e as anotações. A primeira ficará a cargo do registro literal e integral, oferecendo a segurança de que nenhuma informação será perdida. Já o método da anotação será utilizado como auxiliar à gravação, cumprindo o papel de registrar percepções e informações não verbais, como reações, sentimentos, interações simbólicas etc.

A partir da implementação dos grupos focais será possível observar, por exemplo, a interação e a relação simultânea entre os três grupos analisados, citados anteriormente. Será possível buscar compreender até que ponto elementos geracionais, sociais e/ou culturais interferem na percepção coletiva sobre o projeto, cruzando e relacionando os resultados e respostas obtidas nos dois formatos de coleta de informações.

---

Para análise e discussão dos resultados que serão obtidos a partir do grande volume de informações que serão coletadas se fará necessária a criação de categorias para organização do conjunto de informações. De acordo com Duarte (2005)

Categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado (DUARTE, 2005, p.79).

Conforme explica Duarte (2005), a elaboração dos roteiros-base de questões para a entrevista em profundidade e Grupo Focal deverá ser pensada procurando prever essas categorias temáticas, mesmo que após as entrevistas seja necessário criar novas ou adaptar as existentes. Dessa forma será mais assertiva a etapa do trabalho de transcrição e análise das informações, que partirá de um quadro temático pré-estabelecido – fator organizativo essencial para, ao findar da coleta de informações, gerar discussões em cima dos objetivos gerais e específicos deste projeto de pesquisa.

### **Considerações Finais**

Diante desta mobilização inicial e preliminar de informações sobre o projeto social “Jovens em Comunicação” e do levantamento prévio de ideias do campo da educomunicação, comunicação e educação, é possível verificar que existem indícios da existência de elementos da práxis educacional da ação no Bico do Papagaio, tais como o caráter educativo e emancipador do projeto; os conteúdos relacionados às TICs, à formação cidadã e humana e às discussões sobre democracia e comunicação que são promovidas.

O projeto social “Jovens em Comunicação” nasce com a pretensão de incidir concretamente em problemáticas das juventudes rurais e das realidades sociais e culturais das comunidades camponesas, tradicionais, movimentos e organizações sociais que se situam no território do Bico do Papagaio (TO), outra característica de ações educacionais, segundo apontou Soares (2011) e, sobre esse tipo de fenômeno, comenta que

---

Essa participação ativa das crianças, adolescentes e jovens no processo de produção midiática tem demonstrado consequências interessantes. Os jovens participantes desses projetos apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local (SOARES, 2011, p.31).

Soares (2011) nos explica que jovens participantes de ações educacionais como essa “ampliam seu interesse para a construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela opção democrática da vida em sociedade” (SOARES, 2011, p. 31), fato que se alinha com parte dos objetivos do projeto Jovens em Comunicação.

Esse e outros indícios preliminares podem ser observados e colaboram para alicerçar o início do levantamento bibliográfico e aprofundamento teórico da pesquisa que se pretende realizar. Como dito anteriormente, o processo de investigação da pesquisa buscará aprofundar essa discussão e levantar, sistematizar e analisar elementos e informações suficientes para que se gere uma discussão aprofundada sobre a relação do projeto “Jovens em Comunicação” com o campo teórico e prático da educação, bem como buscar compreender como suas ações interferem e impactam na vida das pessoas e comunidades do Bico do Papagaio (TO).

## Referências

COSTA, Maria Eugênia Belczak. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação / Jorge Duarte, Antonio Barros – organizadores. – São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação / Jorge Duarte, Antonio Barros – organizadores. – São Paulo: Atlas, 2005.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Org. e Rev. Técnica Arthur Ituassu. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. Relatório Direito à Comunicação no Brasil 2017. São Paulo: Licença Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International (CC BY-SA 4.0), 2018.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Pesquisa nacional por amostra de domicílios : síntese de indicadores 2015 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016. 108p.

Relatoria da Reunião dedicada a discutir a comunicação das comunidades rurais, movimentos e entidades do Bico do Papagaio (TO), Augustinópolis (TO), 11 de agosto de 2017, APA-TO.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil : 2012/2013 / organizadores: João Cláudio Garcia R. Lima, José Marques de Melo.- Brasília : Ipea, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação : contribuições para a reforma do Ensino Médio / Ismar de Oliveira Soares. - São Paulo : Paulinas, 2011. – (Coleção educomunicação)

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação / Jorge Duarte, Antonio Barros – organizadores. – São Paulo: Atlas, 2005.